

O sacramento da reconciliação



O Sacramento da Reconciliação nem sempre é bem compreendido, nos dias de hoje. A primeira distorção a ser corrigida é a concepção de um ritual predominantemente

marcado pela tristeza, advinda de certa humilhação mórbida e penitencial. Pelo contrário, Reconciliação é sempre fonte de paz e de alegria.

Embora todos os Sacramentos tenham sua origem na Páscoa de Cristo, o Sacramento da Penitência configura-se a um "sopro de Ressurreição" que Jesus infundiu aos Apóstolos, ao instituí-lo na tarde daquele mesmo dia: "'A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio'. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: 'Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais os retiverdes, ser-lhes-ão retidos'" (Jo 20,21-23).

Estas palavras de Cristo, no dia em que abandona o túmulo, mostram bem a tonalidade vivificante do Sacramento da Reconciliação. Originada na miséria do pecado e na tristeza de nossa fragilidade, germina como primeiro fruto da Redenção do Senhor, transformando-se em um culto de louvor ao próprio Deus. Depois de tudo o que sofreu, e dos seus méritos infinitos, obtidos em nosso favor, Cristo nos oferece a eliminação do pecado e de todo mal moral que assola o homem. Daí ressaltam a paz e a alegria que inundam todo o ambiente pascal. É o Espírito Santo, o próprio amor do Pai e do Filho, que brota da Trindade, atuando para eliminar tudo o que se lhe opõe, que é exatamente o pecado.

Evidentemente, o tema da Reconciliação envolve a tristeza do pecado, que, na concepção mais antiga da Bíblia, significa errar o alvo, desviar do objetivo. O objetivo não é material, mas transcendente: o caminho reto que leva aos braços do Pai, pelo Cristo, no amor do Espírito Santo. A conversão será sempre voltar a este caminho, direção originária de nossa vida, para o encontro com o Deus da misericórdia.

O pecado assemelha-se a um roubo: subtrair a propriedade de alguém e assenhorear-se de algo que não lhe pertence. Somos criaturas de Deus, exclusivamente feitas para Ele, e para gozarmos n'Ele a felicidade. O sinal permanente disto é a unção batismal, pela qual nós nos tornamos propriedade exclusiva de Deus. Como Senhor da nossa vida, todos os nossos atos

devem ser direcionados para Ele. Quando nos arvoramos em nossos próprios donos absolutos, profanamos a dignidade do nosso ser, que deveria estar submisso a Deus.

O pecado tem, ainda, uma conotação diabólica. Diá + ballo significa separar. Deus nos ama sempre com amor infinito, que, ao mesmo tempo, se dirige a cada pessoa em particular. O que faz o pecado? Erige uma barreira, que nos afasta de Deus, impedindo que seu amor nos atinja. Temos um exemplo disto na história do filho pródigo, que se afastou da casa paterna, decaindo a ponto de invejar o alimento dos porcos (cf. Lc 15,11ss). Essa é a situação miserável do pecador.

Uma outra objeção comum ao sacramento é a alegação de que, pouco tempo após se obter o perdão, acaba-se caindo nas mesmas faltas. Entretanto, se alguém está tão fraco, apesar de buscar a graça do Sacramento, o que seria dele se não o fizesse? Mediante a perspectiva de reincidência de uma doença, se desistíssemos de ir ao médico e de tomar os medicamentos prescritos, acabaríamos morrendo. Assim como o banho é exigência permanente para nossa higiene corporal, e a visita ao médico é imprescindível à nossa saúde, o Sacramento da Reconciliação, verdadeiro lavacro que purifica a alma, nos preserva da morte espiritual. Que seria de nós sem o poder de Deus que nos transforma e nos fortalece no combate contra a tentação?

Atitude fundamental para receber o Sacramento da Reconciliação é a humildade, da qual encontramos diversos exemplos na Sagrada Escritura. Davi, recriminado pelo profeta, confessou: "Pequei contra Iahweh!" (2 Sm 12,13). "Tem piedade de mim, ó Deus, por teu amor! Apaga minhas transgressões, por tua grande compaixão! Lava-me inteiro da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado! Pois reconheço minhas transgressões e diante de mim está sempre meu pecado; pequei contra ti, contra ti somente, pratiquei o que é mau aos teus olhos" (Sl 50 [51],3-6).

Zaqueu, homem rico e de posição social elevada, teve a humildade de subir numa árvore para ver Jesus passar (cf. Lc 19,2-10). Quem de nós teria essa coragem? O publicano no templo, "mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: 'Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!'" (Lc 18,13). Ou, ainda, Pedro: "Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador" (Lc 5,8). São Dimas, que nós chamamos de "bom ladrão", porque se converteu à última hora, reconheceu: "Quanto a nós, é de justiça; estamos pagando por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal" (Lc 23,41).

Muitos são os motivos que temos para pedir perdão a Deus, mas só podemos fazê-lo porque temos fé. Este dom, que o próprio Deus nos concedeu, leva-nos a reconhecer sua divindade, cuja glória queremos restituir ao nosso próprio ser, restaurando em nós o brilho da sua Beleza,

a magnificência da mais elevada obra do Criador: o ser humano. Pela fé, ousamos aproximar-nos de Deus, tocando sua misericórdia bem de perto, pois só Ele nos pode perdoar. Aí se aplicam, de modo quase palpável, os frutos da Redenção. Todo aquele sangue vertido, desde o Horto das Oliveiras, até às últimas gotas que saíram do Coração transpassado, é derramado sobre as sombras e a miséria do pecado. E assim se transforma e se purifica completamente o ser humano.

Nosso encontro com Jesus Salvador, na Reconciliação, é um momento todo especial. Vamos a Ele doentes psicológica, corporal e, até, espiritualmente. Jesus é o divino Médico: "Os sãos não têm necessidade de médico e sim os doentes; não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento" (Lc 5,31). Ovelhas tresmalhadas, perdidas nas colinas da vida, aparentemente tão distantes de Deus, Ele nos busca como Bom Pastor, pois nada está longe da sua misericórdia (cf. Lc 15,4-7).

Este se torna, então, um encontro com o grande Amigo, Jesus Cristo: "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que o seu senhor faz; mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer" (Jo 15,15). Ele manifestou esta amizade no momento da instituição da Eucaristia e, definitivamente, no alto da cruz. É esta relação de amizade que nós buscamos reatar no Sacramento da Reconciliação. A vida é um caminhar, ao longo do qual, necessariamente, nos sujamos. Andamos por estradas poeirentas, caímos em poças de lama, realidades ignóbeis, que nos levam, em fim de contas, à miséria. Nossa veste batismal fica conspurcada pelo contato com tantas ocorrências negativas.

Por isso, é que tanto precisamos desse encontro com Cristo que, pela Reconciliação, nos faz lavar as nossas vestes originais. Profetizando sobre as fontes da salvação, Isaías diz que nós nos acercamos de uma torrente, da qual sorvemos a água que nos purifica e mata a sede (cf. Is 12,3). E nós devemos espargi-la, também, sobre o ambiente e as pessoas que nos cercam, a comunidade à qual pertencemos, e os lugares por onde estivermos. A graça de Deus tem o poder de destruir o que há de sombrio em nossa vida, iluminando tudo pelo seu amor. Esta é a beleza do ato da Reconciliação.